

Verbo fazer em contextos de complementação desenvolvida iniciada pela conjunção *que* e precedida pela preposição *com*¹

Paula Alves Monteiro

Introdução

Este trabalho visa estudar a regência do verbo *fazer*, com semântica de causativo, em contextos de complementação com oração desenvolvida, iniciada pela conjunção *que* e precedida pela preposição *com* (“fazer *com que*”), e sua enorme aceitabilidade pela população com maior ou menor acesso aos letramentos provenientes do meio escolar. Essa dúvida quanto à forma preferível por parte dos falantes surgiu com minha experiência de revisora, em que, independentemente da escolaridade do leitor, sempre que eu revisava um texto e retirava a preposição “com” ambiente supracitado, as pessoas achavam que estava faltando alguma coisa e pediam para que eu deixasse do jeito “errado” mesmo.

Para entender melhor a questão, foi realizada uma análise do possível surgimento da preposição no contexto mencionado, já que se trata de uma variante usada principalmente na norma padrão escrita, preferida em ambientes formais, até mesmo por autores renomados da língua portuguesa, como o ilustre Machado de Assis: “Um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua faz com que metamos Sírius dentro de Marte, e tu sabes, leitor, a diferença que há de um a outro na distância e no tamanho, mas a astronomia tem dessas confusões” (ASSIS, 1994, p. 98, grifo nosso).

Com cunho linguístico, esta pesquisa almeja entender o fenômeno de aparecimento da preposição no contexto supracitado e seu poder de flutuação em contextos muito parecidos. Trata-se de um estudo que leva por base os fatos gramaticais relacionados à regência verbal. Rodrigues (2011) afirma que analisar a exigência verbal de preposição envolve investigar a maneira como o falante organiza a relação entre os argumentos que completam os verbos e a forma como isso reflete sua visão de mundo e a intenção de se comunicar, concluindo que o aparecimento de uma preposição não pode ser considerado apenas má formação linguística por parte do falante, “porque nelas [nas preposições] estão inseridos conceitos relativos ao tempo e ao espaço, os quais são os

¹ Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Letras – opção 4120 (LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA), da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Dra. Rozana Reigota Naves.

primeiros que o ser humano aprende” (RODRIGUES, 2011, p. 18). Sendo assim, há de se questionar o valor semântico da preposição ao longo desta pesquisa.

Muito se fala também sobre estigmatização de variantes do português, seja luso ou brasileiro, assunto com grande destaque na área da Sociolinguística nos dias de hoje. Ao analisarmos a ocorrência de flutuação da preposição *com* regida pelo verbo *fazer*, cabe destacar que a língua não é externa ao ser humano – ela faz parte de sua essência, embora carregue socialmente o poder se afastar de seus falantes com a imposição da norma culta. Alguns fenômenos variáveis da língua podem sofrer mais ou menos estigma que outros, pois se trata de um fenômeno social. Aliás, a língua é uma grande aliada da segregação social, isso porque a gramática tradicional seleciona o correto e reforça o preconceito contra aqueles que, em algum momento, não se adequam à norma. Ainda assim, há variações que são realizadas de forma diferente da norma culta, inclusive pela parcela mais instruída da sociedade, o que torna possível que certas expressões ganhem prestígio e tenham muito mais chances de serem reconhecidas, em algum momento, pela tradição gramatical.

Para analisar todas essas questões, este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, apresentaremos a definição de regência verbal segundo a tradição gramatical, tomando como referência Cunha (2011); depois serão apresentadas as construções causativas complementadas por orações desenvolvidas, com verbo no subjuntivo, na visão de Bittencourt (2001); em um terceiro momento, será apresentada a discussão feita por Luft (2010) que visa responder a questão da flutuação da preposição *com* no contexto já mencionado; por fim, foi elaborado um questionário com 24 questões iniciais para que as pessoas julgassem as frases como boas, ruins ou estranhas, com o intuito de confirmar o estranhamento que a falta da preposição causa nos falantes, o segundo passo do questionário consistia em julgar, diante das três construções do verbo fazer com semântica de causativo, qual das alternativas tinham maior valor de intencionalidade na ação do sujeito, por último, todos os respondentes precisavam escrever o grau de instrução em que se encontravam. Os resultados da pesquisa acabaram confirmando o que já era esperado, a variante “fazer com que” tem mais aceitabilidade que a forma sem a preposição.

Regência Verbal

A regência verbal é resultado da interdependência das palavras entre si para formar um todo com significado, em um contexto que uma palavra se torna complemento

da outra. Essa ligação pode ser indicada: pela ordem em que os termos na oração foram dispostos; pela preposição, cuja função é ligar palavras com nexos de dependência; e pelas conjunções subordinativas, quando se trata de períodos compostos (CUNHA & CINTRA, 2011, p. 530).

Nas palavras de Cunha, “a regência é um movimento lógico irreversível de um termo regente e um regido” (CUNHA & CINTRA, 2011, p. 531). Assim, em sua gramática, o autor apresenta a divisão já conhecida dos verbos nocionais, que podem ser transitivos ou intransitivos. Os intransitivos são aqueles que apresentam uma ideia completa, enquanto os transitivos, mais numerosos, exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo, sendo que esse acompanhamento pode vir com ou sem preposição (complemento indireto ou direto, respectivamente). O autor traz, ainda, algumas informações importantes acerca das preposições: “somente as que ligam complementos a um verbo (objeto indireto) ou a um nome (complemento nominal) estabelecem relações de regência. Por isso, convém distingui-las com clareza das que encabeçam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais” (CUNHA, 2011, p. 532). As preposições são invariáveis, podem ser simples ou formar locuções e estabelecem relações dos seguintes tipos:

- necessárias: quando relacionam ao termo principal um conseqüente sintaticamente necessário, intensificando a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido a traços característicos mínimos. Ex.: “*Lembro-me de nada* (verbo + objeto indireto), *vontade de Deus* (substantivo + complemento nominal), *fui a Cambridge* (verbo + adjunto adverbial necessário) e *feita por alfaiate* (particípio + agente da passiva).”;

- livres: acontece quando a presença da preposição é possível, mas não necessária sintaticamente, acrescentando às relações que estabelece as ideias de “associação” (*com*) e movimento que tende a se completar em uma direção determinada (*por*). Ex.: “Encontrar com um amigo./ Encontrar um amigo./ Procurar por alguém./ Procurar alguém.”² (CUNHA & CINTRA, 2011, p. 575).

O autor acrescenta que o emprego das preposições é normalmente um recurso de alto valor estilístico, por assumir na construção sintática a plenitude de seu conteúdo significativo. Diante do exposto, tem-se que, caso a preposição *com* em *fazer com que* seja considerada como um reforçador de instrumento com o qual se faz algo, isso

² No caso da construção em estudo, a preposição *com* seria classificada como estabelecendo um tipo de relação livre.

explicaria o fato de seu uso ser preferência, inclusive, dos falantes mais cultos da língua, pois ela estaria assumindo essa plenitude de seu conteúdo significativo, como defendido por Cunha & Cintra (2011).

Ainda na visão de Cunha & Cintra (2011), a regência verbal também pode variar porque há verbos que admitem mais de uma forma e essa relação, em geral, é equivalente a uma variação de significado do verbo, como em:

- (1) a. Aspirar [=sorver, respirar] o ar da montanha.
- b. Aspirar [=desejar, pretender] a um alto cargo. (CUNHA, 2011, p. 532)

Assim como, também, há verbos com mesmo valor semântico e com mais de uma regência, como em:

- (2) a. Meditar num assunto.
- b. Meditar sobre um assunto. (CUNHA, 2011, p. 532)

Entretanto, trata-se aqui da flutuação da preposição *com* em um contexto específico, em que o verbo *fazer* em um mesmo contexto semântico causativo, sendo complementado por oração desenvolvida no subjuntivo, parece manter todas as características de quando é complementado por oração infinitiva ou por complemento não verbal, mas ganha o acréscimo da preposição *com*. Pilati *et al.* afirmam que o fenômeno de flutuação da preposição acontece devido a fatores estruturais ou pode, ainda, ser relacionado a variações translinguísticas ou transdialetais:

Embora, do ponto de vista sintático, o termo *regência* tenha um significado mais amplo, referindo-se ao mecanismo de concatenação das unidades linguísticas em constituintes hierárquicos, a abordagem desse tema, em gramáticas, dicionários de regência e nos livros didáticos, geralmente concentra-se na regência pela preposição. Essa discussão vem formulada, geralmente, em termos das distinções de significado produzidas pela presença *versus* ausência da preposição, sem que se questione o fato de que a flutuação da preposição é, em alguns casos, condicionada por fatores estruturais, ou ainda que o uso preposicionado ou não de uma forma verbal está associado a variações translinguísticas e/ou transdialetais (PILATI *et al.*, 2011, p. 409).

As autoras exemplificam essas afirmações analisando a forma verbal *assistir*. Elas mostram que o verbo não aceita o pronome *lhe*, ainda que esteja no sentido de

“presenciar”, podendo seu complemento ocorrer apenas com as variações *a ele (s)*, *a ela (s)*, caracterizando-se, dessa forma, como complemento relativo e não como objeto indireto. No sentido de “socorrer”, tem-se que o verbo *assistir* é transitivo direto. Entretanto, na língua oral do português brasileiro, as duas formas são usadas sem a preposição *a* e ninguém se confunde com relação aos seus significados.

- (3) a. Maria assistiu o filme. (PILATI *et al.*, 2011, p. 411).
b. Maria assistiu ao filme.³

Na língua portuguesa falada no Brasil, nenhuma das duas frases é agramatical e todas as pessoas entendem que se trata da semântica do verbo *assistir* no sentido de “presenciar, ver” o filme. Dessa forma, é possível afirmar que não é exclusividade do verbo *fazer* a flutuação da preposição, nesses contextos em que não importa a presença ou ausência desse item lexical se o sentido do verbo permanece o mesmo, tem-se apenas um leve reforço de instrumento, trazido pelo campo semântico da preposição *com*.

A flutuação da preposição é presente na língua e há outros casos análogos ao do verbo *fazer*, como exemplificou Graça (1968):

- (4) a. *Cumprir com a lei* e *cumprir a lei*.
b. *Bradar por socorro* e *bradar socorro*.
c. *Puxar da espada* e *puxar a espada*.
d. *Persuadi-lo a ler* e *persuadir-lhe que leia*.
e. *Continuar com o negócio* e *continuar o negócio*.
f. *Contentar-se com* e *contentar-se que* etc. (GRAÇA, 1968, p. 255)

Para o autor, resguarda-se a sintaxe de cada caso, mas a semântica é idêntica. Entretanto, é possível notar que cada um tem sua particularidade. Os exemplos (4a) e (4f) tratam de verbos que já possuem a preposição *com* etimologicamente incorporada aos seus radicais. Além disso, quando se insere a oração desenvolvida em (4f), a preposição desaparece, movimento contrário ao do verbo *fazer* em estudo, pois quando se desenvolve a oração, a preposição *com* surge.

³ Exemplo criado apenas para contrastar com a sentença em (3a), de Pilati *et al.* (2011).

No exemplo (4d), a construção com o verbo *persuadir* se altera por conta da modificação de regência. No primeiro caso: persuadir alguém (acusativo) a algo (dativo); no segundo caso: persuadir algo (acusativo – representado por uma oração desenvolvida no subjuntivo, como no caso em estudo) a alguém (dativo), representado pelo pronome *lhe*. Em (4c), o uso com a preposição *de* ocorre em contextos restritos, de forma que não vamos discuti-lo neste trabalho.

Em (4b) e (4e), não se trata de um complemento oracional, não cabendo compará-los ao caso do verbo *fazer* que, quando complementado por um objeto que não seja a oração desenvolvida no subjuntivo, não aceita a preposição *com*, até mesmo porque tem sua semântica alterada, perdendo as características de verbo causativo, como se observa nos dados abaixo, de nossa autoria:

- (5)
- a. fazer a lei.
 - b. *fazer com a lei.
 - c. fazer cumprir a lei.
 - d. *fazer com cumprir a lei.
 - e. fazer (com) que a lei seja cumprida.

Diante desses dados, é possível concluir que a construção *fazer com que* representa um caso especial, pois a flutuação da preposição só ocorre quando o verbo tem semântica de causativo, associada a uma oração desenvolvida, como em (5e).

Voltando ao exemplo (4f), notamos uma tendência de apagamento das preposições em orações subordinadas substantivas desenvolvidas, cujo argumento interno deveria, de acordo com a norma culta, ser regido por preposição. Isso é observado com vários verbos, como *gostar*, *confiar* e *acreditar*, entre outros, como em:

- (6)
- a. “A sequência gostar de que (primitivo) faculta a elipse da preposição: gostei que o nomeassem.” (LUFT, 2002, p. 315)
 - b. “Confio (em) que se fará justiça. [...] Penso que as construções confiar que estão por confiar em que (confiar nisto): ...e confio que eles os recebeu sem pejo’ (Camilo: Torres). ‘Confiando que no papel diria as coisas de melhor maneira. (Machado: id.)’” (LUFT, 2002, p. 137)
 - c. “Ele acredita que ela é capaz disso. Ela acredita que ela é capaz disso.” (LUFT, 2002, p. 34).

Antes de seguir com a análise da construção *fazer com que*, é preciso desenvolver um pouco melhor os conceitos de verbos causativos e o uso do subjuntivo nesses contextos.

Construções causativas com verbo *fazer* com complementação oracional desenvolvida

Andrade (2002) definiu as causativas como construções formadas por dois verbos morfologicamente distintos – o causativo e o encaixado –, as quais são denominadas causativas sintáticas. A autora afirma que esse tipo de construção é antigo: “Segundo as gramáticas e estudos específicos, o latim clássico contava com dois esquemas básicos de construção causativa com complemento oracional: verbo causativo + conectivo subordinativo (*ut/ne*) + verbo no subjuntivo ou verbo causativo + infinitivo.” (Andrade, 2002, p. 27).

Segundo Bittencourt (2001), em português brasileiro, a construção com verbos causativos é comum, mas fugiu à regra de outras línguas românicas, como o francês ou o italiano. No Brasil, composições como as em (7), encontradas em português europeu, têm sido cada vez mais raras:

- (7) a. O pai fez ver ao filho os malefícios da droga.
b. O governo fez construir as usinas por uma equipe de alto nível. (Bittencourt, 2001, p. 48).

Em contrapartida, as formas em (8), construídas a partir das exemplificadas por Bittencourt (2001) em (7), são comuns em português do Brasil:

- (8) a. O pai fez o filho ver os malefícios da droga.
a'. O pai fez (com) que os filhos vissem os malefícios da droga.
b. O governo fez uma equipe de alto nível construir as usinas.
b'. O governo fez (com) que uma equipe de alto nível construísse as usinas.

Assim, sintaticamente, diante dos exemplos acima, observa-se que, em português do Brasil, o causado é expresso como sujeito da ação provocada pelo causador e não como um objeto indireto do primeiro verbo (como em (7a)) ou como uma espécie de agente da

passiva (como em (7b)). Bittencourt esclarece, ainda, que esse tipo de construção foi muito influenciada pelo latim, inclusive aquelas em complementação desenvolvida, com uso do subjuntivo:

as construções causativas de subjuntivo (de configuração analítica) encontradas no português originam-se de formas latinas resultantes de um processo de amalgamento interclausal expresso pela conjunção *que*, originada do demonstrativo *quod*, que, no latim vulgar, substituiu *ut* do latim clássico. (BITTENCOURT, 2001, p. 50)

Verbo *fazer*, em contexto de complementação analítica, e a flutuação da preposição *com*

Luft (2002) traz variadas regências para o verbo *fazer*, focadas, cada uma, nos vários significados desse verbo. Segundo o autor, o verbo *fazer* aceita a preposição *com*, como variante da forma “fazer que...”, no campo semântico de “influir para, ser causa de, obrigar, esforçar-se, diligenciar” (LUFT, 2002, p. 299).

Luft (2010) afirma, ainda, que a preposição *com* nessa construção seria uma anomalia, justificada por um efeito de cruzamento, que é explicado pelo seguinte esquema:

- (9) “Faça que ele trabalhe + Faça com ele que (ele) trabalhe > Faça com que ele trabalhe.” (LUFT, 2010, p. 169)

A hipótese se justifica pelo fato de que usualmente se elimina um dos elementos de mesma referência em uma construção sintática e, mais ainda, pela possibilidade de haver a intenção de aproximar o sujeito encaixado (o causado) do verbo que corresponde à ação causada. Mas há uma mudança de sentido quando se pensa em *fazer algo com alguém* (no sentido causativo e não de companhia). Luft reconhece a regência do verbo *fazer* como bitransitivo, mas complementado pela preposição *a*, o que previne ambiguidades:

- (10) “Não faças aos outros o que não queres que façam a ti.” (LUFT, 2002, p. 299)

Além disso, cabe observar que os verbos causativos (*fazer*, *mandar* ou *sentir*), em sua sintaxe, permitem que o sujeito do infinitivo passe a objeto direto do verbo regente, como é possível observar em:

- (11) a. O professor fez/ os alunos entrarem (= ... que os alunos entrassem).
b. O professor fez os alunos/ entrar. (LUFT, 2002, p. 299).

A interpretação trazida por (11b) nos mostra que pode haver também uma necessidade semântica, ainda que estejamos lidando aqui com a forma reduzida de infinitivo, de se evitar o sentido de que *os alunos foram feitos entrar pelo professor*, quando, na verdade, pretende-se dizer que *os alunos foram levados pelo professor a fazer algo*. O falante pode apenas ter preferido deixar claro, ao inserir a preposição, que não se trata de um objeto de *fazer*, mas, sim, do sujeito de uma nova oração.

Indo contra essa ideia, temos, porém, que, quando se trata de um pronome pessoal, a passagem a objeto é obrigatória, ou seja, o pronome não é capaz de ser, ao mesmo tempo, sujeito do infinitivo e objeto, como nesses exemplos:

- (12) *Ele fez/ eles entrar > *Ele fez eles/ entrar > Ele os fez entrar (e não Ele os fez entrarem). (LUFT, 2002, p. 299)

Entretanto, caso o infinitivo tenha objeto direto não pronominal, os pronomes que representam o objeto direto (*o, a, os, as*) podem ser substituídos pela forma pronominal objetiva indireta (*lhe, lhes*).

- (13) O professor o (ou lhe) fez guardar o livro. (LUFT, 2002, p. 299).

Análise de pesquisa realizada por meio de questionário on-line

Foi realizado questionário on-line com intuito de compreender melhor qual das variáveis em análise era mais aceita pelo público ou se as duas têm para os falantes o mesmo sentido. Dessa forma, foram feitas, primeiramente, 23 perguntas em que os entrevistados podiam optar por três respostas – boa, estranha ou ruim. O número total de entrevistados foram 24 pessoas, cujos graus de escolaridade consistiam em: 5 pessoas com superior incompleto, 11 pessoas com curso superior completo, 7 cursando pós-graduação, 1 cursando doutorado.

<p>1) Os homens continuaram com o negócio.</p> <p>2) O namorado e a namorada continuaram a discussão.</p>	<p>A primeira sentença foi considerada boa por 54,2% dos entrevistados, estranha por 37,5% e ruim por 8,3%.</p> <p>A segunda sentença foi considerada boa por 54,2% dos entrevistados, estranha por 29,2% e ruim 12,5%.</p>
<p>1) As amigas encontraram com o cachorro perdido.</p> <p>2) O professor encontrou com a Maria.</p> <p>3) Os pacientes encontram os médicos sempre que precisam.</p>	<p>A primeira sentença foi considerada boa por 95,8% dos entrevistados, estranha por 4,2%.</p> <p>A segunda sentença foi considerada boa por 54,2% dos entrevistados, ruim por 33,3% e estranha por 12,5%.</p> <p>A terceira sentença foi considerada boa por 66,7% dos entrevistados, estranha por 29,2% e ruim por 4,2%.</p>
<p>1) Os aprovados fizeram com que a lei fosse cumprida.</p> <p>2) Alguns meninos da creche fizeram com que as alunas dormissem antes da hora.</p> <p>3) Os primos fizeram com que Ana fosse embora.</p>	<p>A primeira sentença foi considerada boa por 87,5% dos entrevistados, estranha por 8,3% e ruim por 4,2%.</p> <p>A segunda sentença foi considerada boa por 62,5% dos entrevistados, estranha por 20,8% e ruim por 16,7%.</p> <p>A terceira sentença foi considerada boa por 66,7% dos entrevistados, estranha por 25% e ruim por 8,3%.</p>
<p>1) A diretora fez que a Maria chorasse na escola.</p> <p>2) Os policiais só fizeram que a lei fosse cumprida.</p> <p>3) Os filhos fizeram que os pais discutissem.</p>	<p>A primeira sentença foi considerada ruim por 62,5% das pessoas, estranha por 25% e boa por apenas 12,5%.</p> <p>A segunda sentença foi considerada estranha por 37,5% das pessoas, boa por 33,3% dos entrevistados e ruim por 29,2%.</p> <p>A terceira sentença foi considerada estranha por 37,5% das pessoas, boa</p>

	por 33,3% dos entrevistados e ruim por 29,2%.
<p>1) Os filhos fizeram as mães discutirem.</p> <p>2) A vida às vezes faz a Maria chorar.</p> <p>3) Os justos fizeram a ordem se cumprir</p>	<p>A primeira sentença foi considerada boa por 62,5% dos entrevistados, estranha por 25% e ruim por 12,5%.</p> <p>A segunda sentença foi considerada boa por 50% dos entrevistados, estranha por 20,8% e ruim por 29,2%</p> <p>A terceira sentença foi considerada boa por 58,3% dos entrevistados, estranha por 29,5% e ruim por 12,5%.</p>
<p>1) Os adolescentes querem fazer muitas festas.</p>	<p>95,8% dos entrevistados consideraram a sentença boa, apenas 4,2% consideraram-na estranha.</p>
<p>1) Alguns preferem ser felizes.</p> <p>2) O amor fere com palavras.</p> <p>1) Os seres humanos sobrevivem bem nos dias de hoje.</p> <p>2) Os bandidos matam de forma aterrorizante.</p> <p>3) Os leões sobrevivem com o auxílio da própria natureza.</p> <p>4) As crianças preferem chocolate a qualquer outro doce.</p> <p>5) Algumas pessoas costumam acreditar em Deus.</p>	<p>Essas frases foram selecionadas apenas para que os entrevistados não deduzissem que se tratava apenas do estudo do verbo <i>fazer</i> com a preposição <i>com</i> e de outros ambientes específicos de aparecimento da mesma preposição, a fim de que a opinião deles fosse o mais imparcial possível.</p>

Diante desses dados, foi possível concluir que o falante não se identifica com a ausência da preposição *com* em um contexto desenvolvido com o verbo *fazer* e apenas com ele, já que foram os únicos casos que tiveram maior repercussão negativa ou de estranheza por parte dos entrevistados, indo de acordo com tudo o que presenciei em anos trabalhando como revisora. É como se a variante culta estivesse desaparecendo da língua.

A flutuação da preposição com os verbos encontrar e continuar foi bem aceita, colaborando com a ideia de que a necessidade da inserção da preposição se trata de uma especificidade do verbo causativo e somente na situação em que ele tem como complemento oração desenvolvida.

Dessa forma, resolvemos tentar entender também se há, de fato, algum valor semântico de intencionalidade do verbo *fazer* em sentido causativo que seja intensificado ou amenizado pela preposição. Por esse motivo, posteriormente, foi solicitada a seguinte análise aos mesmo 24 entrevistados:

“Assinale a frase que expressa que João realizou intencionalmente a ação sobre Maria.

- 1) O João fez com que a Maria chorasse [13 pessoas escolheram esta].
- 2) O João fez a Maria chorar [19 pessoas optaram por esta].
- 3) O João fez a Maria chorar [apenas 8 optaram por esta].”

Era permitido que eles marcassem mais de uma alternativa, caso considerassem que a intencionalidade estava presente em mais de um dos casos. Na segunda opção a grande maioria dos entrevistados sentiu que havia maior intencionalidade com o verbo no infinitivo. Talvez porque a preposição, por conta de sua semântica de instrumento amenize a intenção do autor, como se o instrumento utilizado o levasse a praticar a ação sem que houvesse, de fato, uma intenção. Entretanto, a causalidade sem intencionalidade traz conclusões um pouco ambíguas. Sendo assim, o que podemos afirmar com certeza é apenas que o uso da preposição tem sido preferido na grande maioria das vezes.

Conclusão

Com respeito à construção *fazer com que*, objeto deste trabalho, alguns poucos autores não aceitam a regência com preposição. Cândido Figueiredo (*apud* GRAÇA, 1968, p. 251) condena essa construção, afirmando que não se encontra em português de lei, que é exagero e que fere a norma culta. Para comprovar a afirmação, ele mostra excertos de vários autores renomados, tais como Rodrigues Lôbo, Morais e Silva, Bernardim Ribeiro, Castilho, Xavier de Matos, Bernardo de Brito e Tomé de Jesus. Diante da sentença: “O ministro fez com que fosse adotado o projeto”, o filólogo luso classifica a expressão como errada e ainda diz que se trata de um dos erros mais crassos fazer preceder a preposição *com* da conjunção *que*. Em suas palavras (*op. cit.*, p. 252): “Nem se diga, ou melhor, não se invente que as expressões com *que* precedendo a um verbo formam locução conjuntiva; tal expressão não existe em português, não se acha autorizada por escritor algum de boa nota”.

Graça (1968), por sua vez, afirma que dizer que a conjunção *que* não poderia ser precedida de *com* (ou *de*) é prerrogativa de um douto latinista cultivador da boa linguagem portuguesa, já que ofendia a gramática e não era usada por escritores de “boa nota”. Segundo ele, “*fazer com que* e *fazer que* são meros tipos sintáticos, divergentes na forma e equivalentes no sentido” (*op. cit.*, p. 252).

A preposição *com*, segundo Cunha & Cintra (2011), tem valor semântico de companhia/associação ou exerce uma função relacional pura, sem sentido, sendo apenas uma presença exigida de forma arbitrária pela língua. Os exemplos dados pelos autores ilustram tais sentidos:

- (11) a. Viajei **com** Pedro (ideia de associação/companhia).
- b. Concordo **com** Você (Função relacional pura).

Eles ressaltam em sua obra que cabe “salientar que as relações sintáticas que se fazem por intermédio de preposição obrigatória selecionam determinadas preposições exatamente por causa do seu significado básico” (CUNHA & CINTRA, 2011, p. 573). Ou seja, ainda que com função relacional pura, os verbos selecionam determinadas preposições por conta de seu campo semântico, e cabe lembrar que *com* traz consigo forte campo semântico de instrumento e até mesmo de causa, por meio do qual se faz algo, mostrando que ela não entrou nesse contexto por acaso. São comuns construções em que as pessoas dizem:

(12) a. Ideia de causa: “Verão morrer com fome os filhos caros.” (CAMÕES apud FERREIRA, 2010, p. 534).

b. Ideia de instrumento: “Esfregava-o com a mão direita” (PIRES apud FERREIRA, 2010, p.534).

Diante desses fatos e com base na pesquisa feita, foi possível chegar à conclusão de que os falantes sentem falta da preposição e privilegiam as construções que a utilizam, pois ela reforça a intencionalidade da ação, provocada pelo campo semântico causativo e instrumental trazido pela própria preposição.

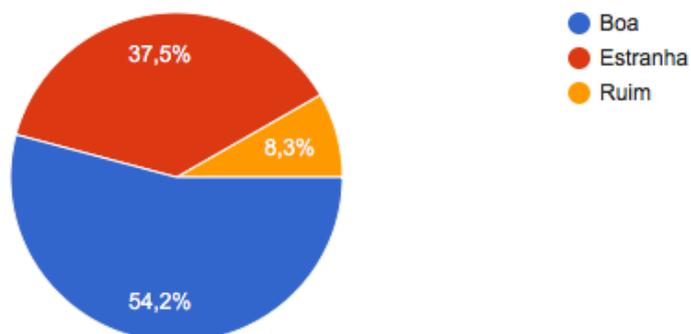
Referências bibliográficas

- ANDRADE, Juliana Campos de. *Aspectos das construções causativas no português do Brasil*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília (UnB). 2002.
- ARRAIS, Telmo Correia. *As construções causativas em português*. São Paulo: Alfa, 29:41-58, 1985.
- ASSIS, Machado de. *Obras Completas de Machado de Assis*, vol. I, Dom Casmurro, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm08.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2015.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*. São Paulo: Parábola, 2007, 240 p.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Editora Lucerna, 2001. 672 p.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. *A gramaticalização em orações completivas de verbos causativos*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 47-53, 2º sem. 2001. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta09/Conteudo/N09_Parte01_art04.pdf. Acesso em: 4 dez. 2015.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010. 252 p. Disponível em: <<http://www.imd.inder.cu/adjuntos/article/472/Language%20Usage%20and%20Cognition.pdf>>. Acesso em 2 nov. 2015.
- CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro/Cataguases-MG: FAPERJ/Mauad, 2013.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon. 2011. 5ª ed. 762 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000290.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2015.
- GRAÇA, Heráclito. *Fatos da Linguagem*. 2. Ed. Fortaleza, Secretaria de Cultura do Ceará, 1968.

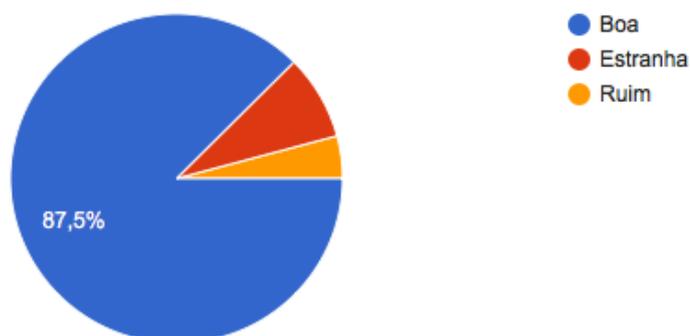
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010. 544 p.
- LUFT, Celso Pedro. *ABC da Língua Culta*. Org. Lya Luft. São Paulo: Globo, 2010. 555 p.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez Editora, 2011. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=k7XFAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=Martelotta+\(2011\).+Mudança+C3%A7a+lingu%C3%ADstica.&ots=ToeySbfBhv&sig=PRcE00x69Vs4fuKy87TvOaL4IJI#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=k7XFAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=Martelotta+(2011).+Mudança+C3%A7a+lingu%C3%ADstica.&ots=ToeySbfBhv&sig=PRcE00x69Vs4fuKy87TvOaL4IJI#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 2 nov. 2015.
- MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília. *(De) que falamos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995. 112 p.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 152 p.
- PILATI, Heloisa et al. *Educação Linguística e ensino da gramática na educação básica*. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.14, n.2, p. 395-425, jul./dez. 2011. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjdmvBrqDLAhUGI5AKHbcUBgMQFggoMAI&url=http%3A%2F%2Fwww.rle.ucpel.tche.br%2Findex.php%2Frl%2Farticle%2Fview%2F33%2F19&usg=AFQjCNHm-cTS_fjCByg6znMI5-jlruN0vQ&sig2=qiXyuMBkh9X-l2TV-61DHw&bvm=bv.115339255,d.Y2I. Acesso em: 2 nov. 2015.
- RODRIGUES, Tiago Aguiar. *Buscando sentido ao estudo de regência verbal: uma abordagem funcional-cognitiva*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília (UnB). 2011.

Anexo 1 – Questionário aplicado on-line e suas respostas

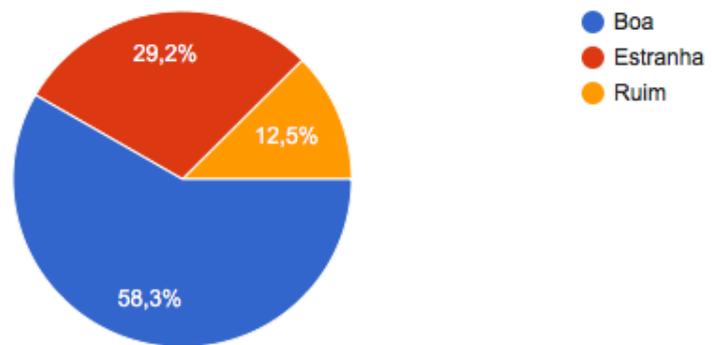
Os homens continuaram com o negócio. (24 respostas)



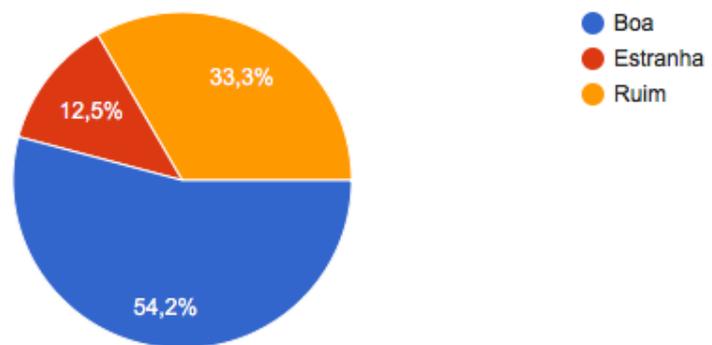
Os aprovados fizeram com que a lei fosse cumprida. (24 respostas)



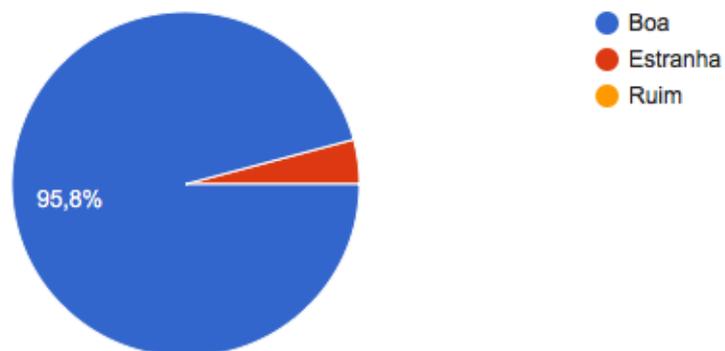
Os justos fizeram a ordem se cumprir. (24 respostas)



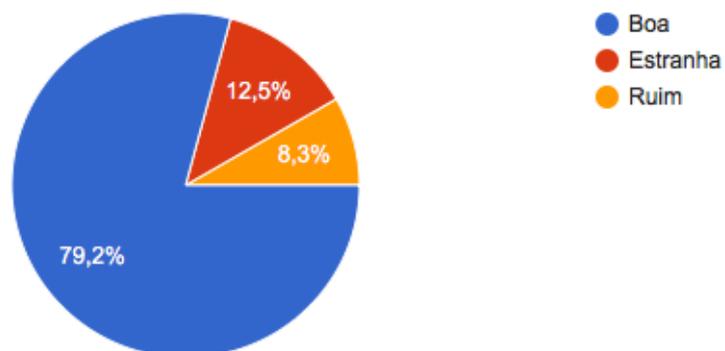
O professor encontrou com a Maria. (24 respostas)



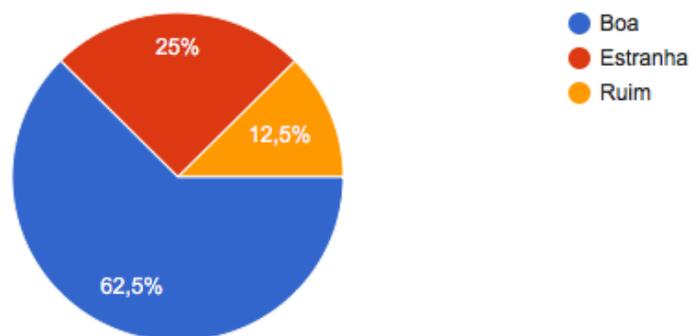
As amigas encontraram o cachorro perdido. (24 respostas)



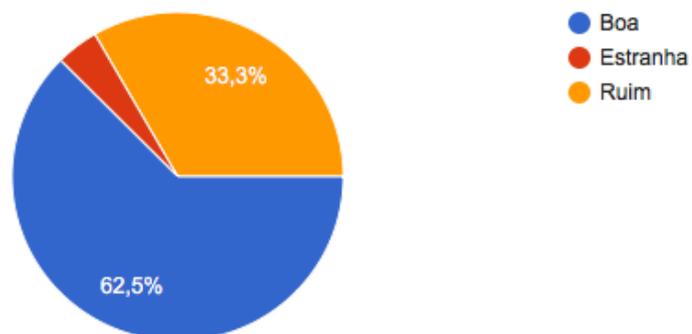
Alguns preferem ser felizes. (24 respostas)



Os filhos fizeram as mães discutirem. (24 respostas)

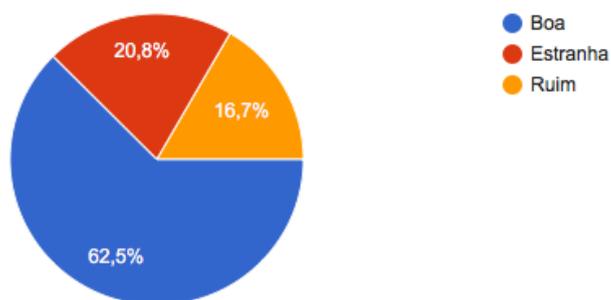


Os juízes sempre cumprem com as normas. (24 respostas)

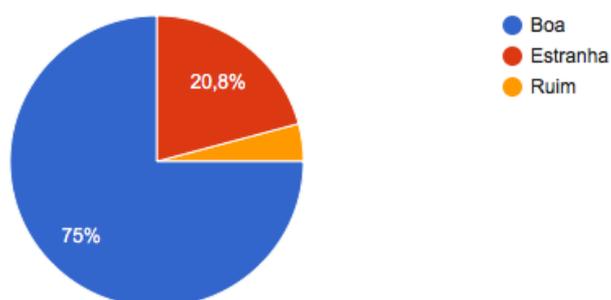


Alguns meninos da creche fizeram com que as alunas dormissem antes da hora.

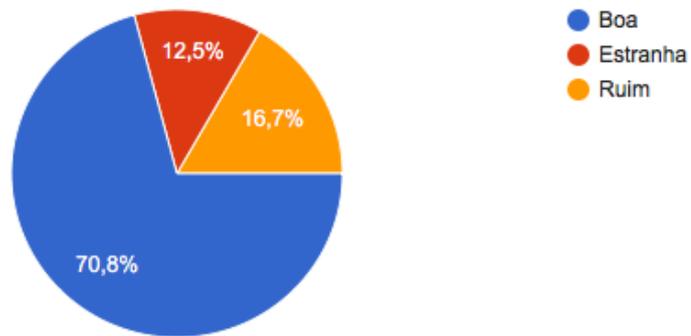
(24 respostas)



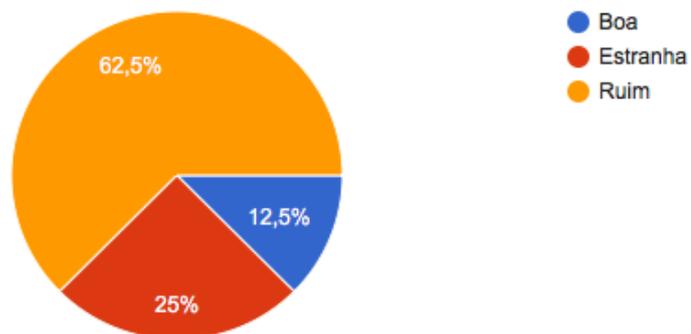
O amor fere com palavras. (24 respostas)



Os seres humanos sobrevivem bem nos dias de hoje. (24 respostas)

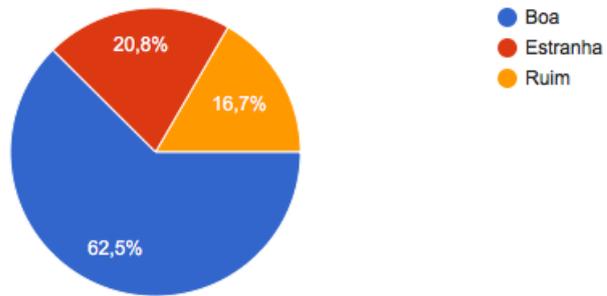


A diretora fez que Maria chorasse na escola. (24 respostas)

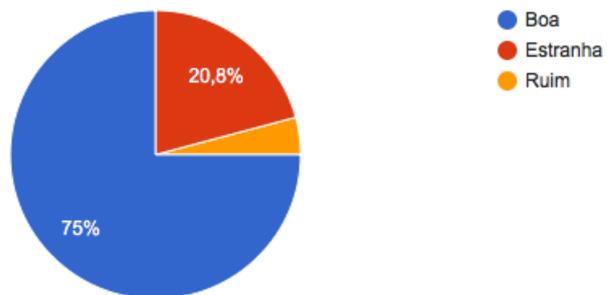


Alguns meninos da creche fizeram com que as alunas dormissem antes da hora.

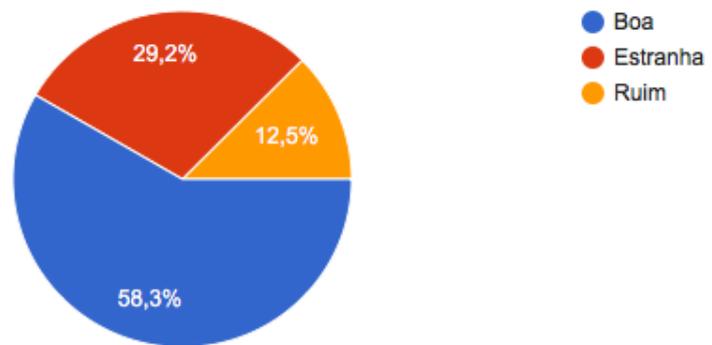
(24 respostas)



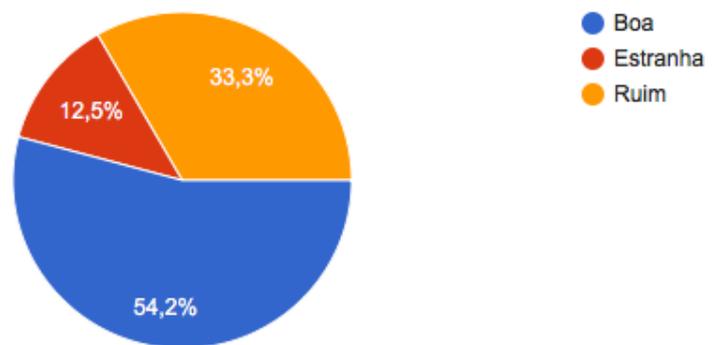
O amor fere com palavras. (24 respostas)



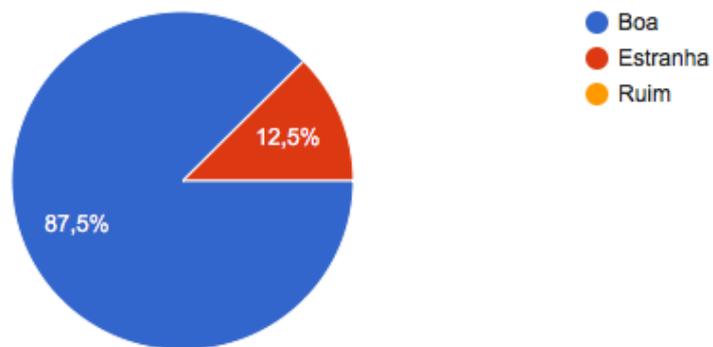
Os justos fizeram a ordem se cumprir. (24 respostas)



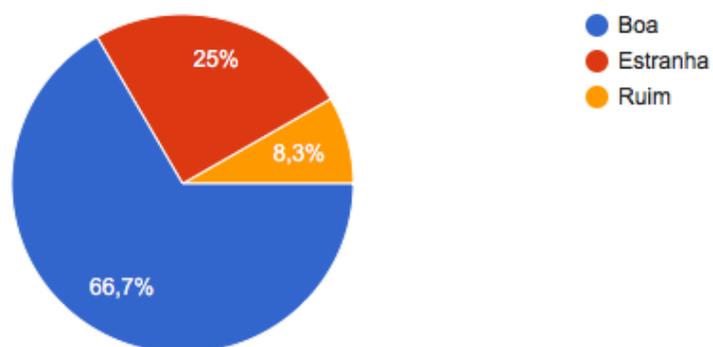
O professor encontrou com a Maria. (24 respostas)



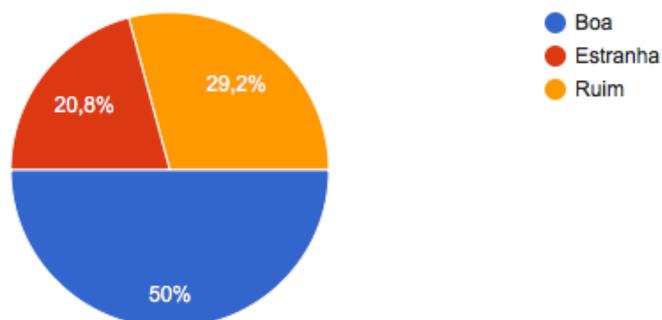
As meninas saíram com os amigos da escola. (24 respostas)



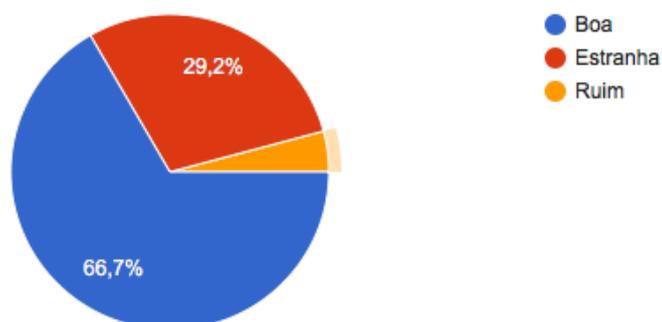
Os primos fizeram com que Ana fosse embora. (24 respostas)



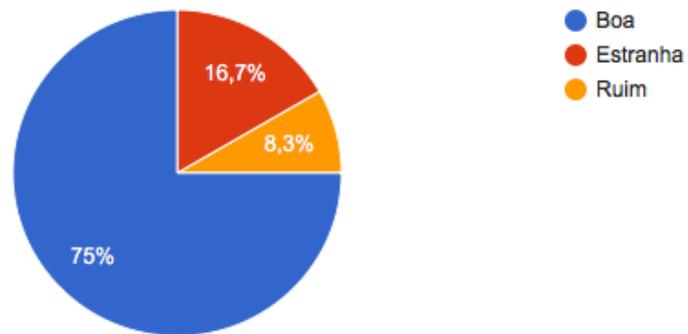
A vida às vezes faz a Maria chorar. (24 respostas)



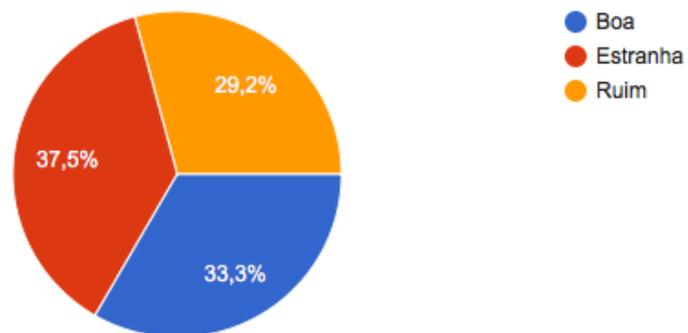
Os pacientes encontram os médicos sempre que precisam. (24 respostas)



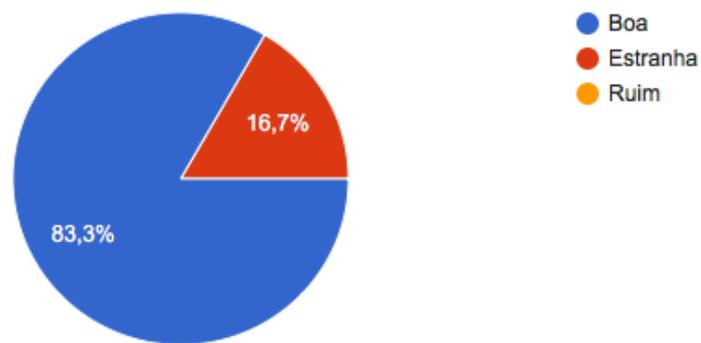
Os bandidos matam de forma aterrorizante. (24 respostas)



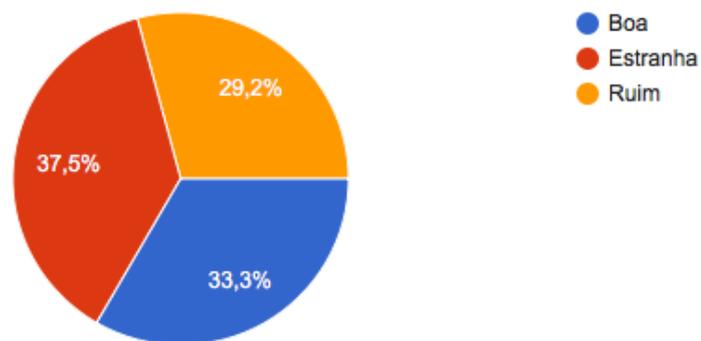
Os policias só fizeram que a lei fosse cumprida. (24 respostas)



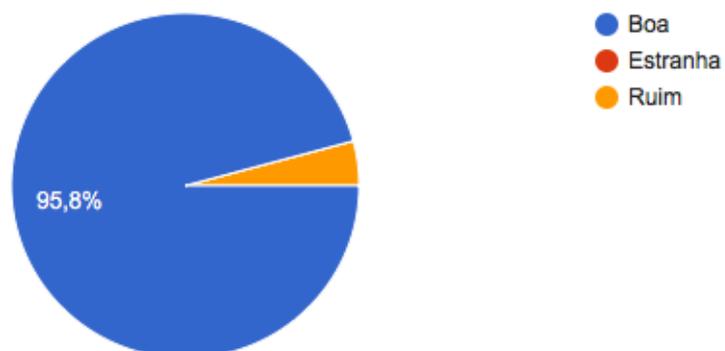
Os leões sobrevivem com auxílio da própria natureza. (24 respostas)



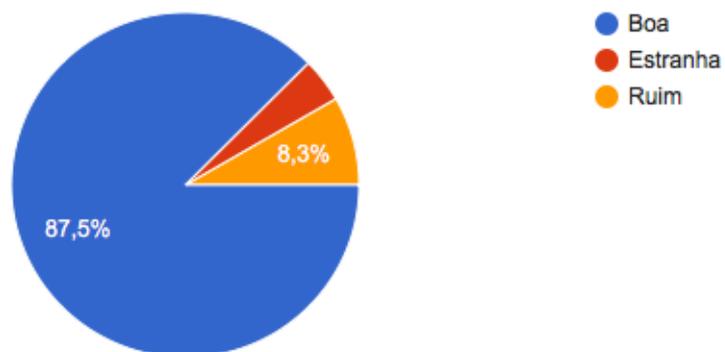
Os filhos fizeram que os pais discutissem. (24 respostas)



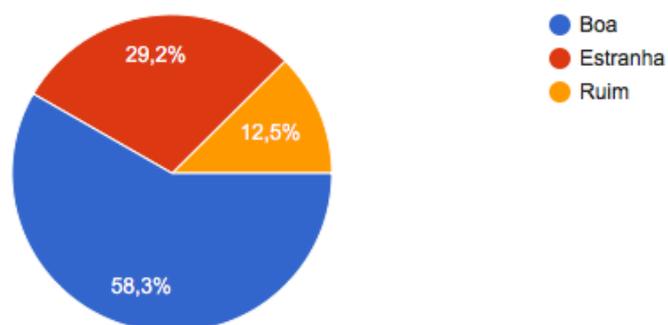
As crianças preferem chocolate a qualquer outro doce. (24 respostas)



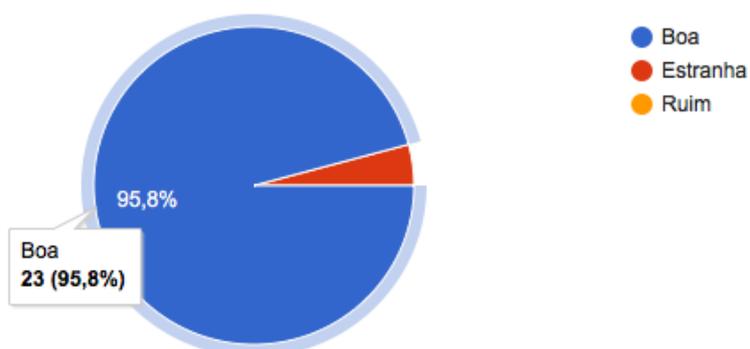
Algumas pessoas costumam a acreditar em Deus. (24 respostas)



O namorado e a namorada continuaram a discussão. (24 respostas)

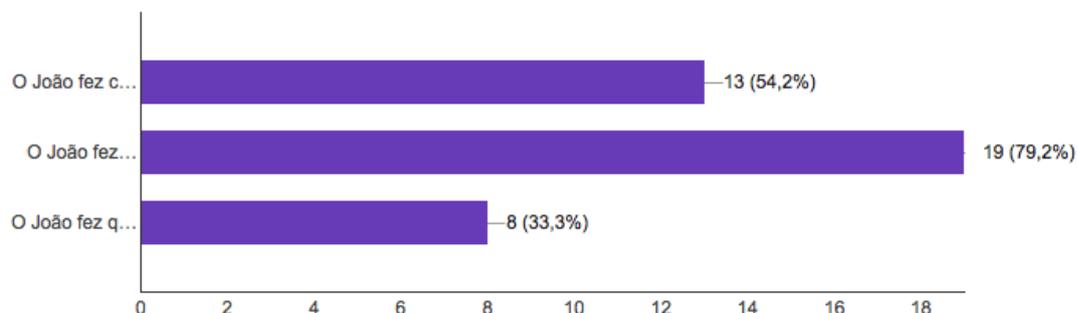


Os adolescentes querem fazer muitas festas. (24 respostas)

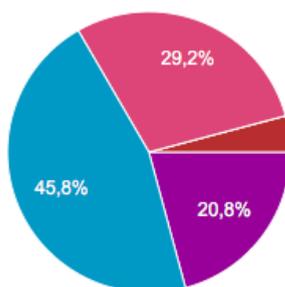


Assinale a frase que expressa que João realizou intencionalmente a ação sobre Maria. É permitido marcar mais de uma alternativa, caso você considere que a intencionalidade de João está presente.

(24 respostas)



Qual o seu grau de escolaridade? (24 respostas)



- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-Graduação Completo ou Cursando
- Mestrado Completo ou Cursando
- Doutorado Completo ou Cursando